

Introdução

A intertextualidade temática tem se mostrado um recurso literário bastante antigo. Um escritor pode recorrer a um texto ou mesmo a uma tradição de um reconhecido autor (até mesmo a uma tradição do senso comum) para expressar um propósito. Diante disso, torna-se necessário ao intérprete a busca do autor ou tradição utilizada, ou seja, a linha de pensamento envolvida, o contexto cultural, o propósito original e os leitores primevos.

Nesse particular, a exegese é uma reconhecida e útil ferramenta de trabalho, esclarecendo situações descritas nos textos, verificando a intenção presente neles e a sua aplicação, tanto para os primeiros leitores quanto para os posteriores.

Entre os dados importantes levados em conta pelos exegetas estão as fontes do texto, a estrutura em que está inserido e o gênero literário, ou seja, a “roupagem” com a qual é revestida a mensagem do autor. Um desses gêneros é o chamado *apocalíptico*. No caso da Bíblia Sagrada, o livro mais antigo classificado nesse gênero é o livro de *Daniel*¹, normalmente aceito como tendo sido composto na época do monarca Antíoco IV Epífanes, mais precisamente entre 167-164 a.C., o período macabeu da história judaica.

Entretanto, esse gênero é bem mais antigo que essa época; suas raízes podem remontar ao IV século a.C., em Israel, e a 2000 a.C. fora dele. Na religião iraniana, há exemplos do uso de características literárias pertencentes a esse gênero. No ocidente, há o exemplo de Hesíodo, poeta grego do VIII século a.C., cujo *mito das cinco raças*, em *Os trabalhos e os dias*, 106-201 (conhecido como *Erga*, “Trabalhos”), apresenta características apocalípticas e um mesmo esquema usado em *Daniel* e em outras literaturas antigas, manifesto na estrutura e nas fontes comuns.

O objetivo do presente trabalho é, justamente, analisar em quais pontos e em que medida o texto de Hesíodo supracitado teria influenciado o redator do livro de *Daniel* no *sonho da estátua compósita de Nabucodonosor* (em *Daniel* 2, 31-45), tendo em vista ser o poeta grego cerca de seis séculos mais antigo que o redator macabeu.

¹ Sempre que destacado neste trabalho, o nome se refere ao *Livro de Daniel*; sem destaque, ao personagem ou ao provável ciclo existente dentro da tradição judaica intertestamentária que levava seu nome. Optamos por não abreviar os nomes dos livros bíblicos no texto do trabalho, somente nas notas de referência.

A correspondência pretendida entre os dois textos se revelou bastante profícua, em termos de fontes comuns, estrutura e gênero literário, com uma temática retomada pelo redator de *Daniel* com fins específicos. O tema do trabalho visa, então, à comunidade acadêmico-teológica, na área específica de Teologia Bíblica (Exegese do AT), a estudiosos de crítica literária e a outros tantos interessados no assunto.

O método utilizado é o mais usado na exegese, o *histórico-crítico*, a partir dos textos em suas formas atuais. Esse método é “*histórico*, não só porque ele se aplica a textos antigos (...) e estuda seu alcance histórico, mas também e sobretudo porque ele procura elucidar os processos históricos de produção dos textos (...), processos diacrônicos algumas vezes complicados e de longa duração”². É *crítico* “porque ele opera com a ajuda de critérios científicos tão objetivos quanto possíveis em cada uma de suas etapas”³. Essas começam com a crítica textual: “da crítica textual passa-se a uma crítica literária que decompõe (pesquisa das fontes), depois a um estudo crítico das formas, enfim a uma análise da redação, que é atenta ao texto em sua composição”⁴. Além disso, a crítica histórica pode completar a crítica literária “para determinar seu alcance histórico, no sentido moderno da expressão”⁵.

Essas etapas estão interligadas de tal forma que uma acaba, necessariamente, remetendo às outras, sem que cada uma delas seja menos importante. Além disso, essas etapas não precisam, necessariamente, estar expostas nessa ordem rigorosa na exposição final do trabalho. Sumariando, podemos descrever os métodos históricos-críticos como aqueles que buscam entender o texto a partir de seus pressupostos, intenção e compreensão originais, bem como também as interpretações sucessivas em seu processo de crescimento⁶.

Para o texto de Hesíodo, levamos em conta também a abordagem de Jean-Pierre Vernant, que utiliza o *método estruturalista* (ou *análise semiótica*), influenciado pela psicologia e pelos estudos dos mitos na história das religiões e das sociedades antigas. Não poderíamos ignorá-lo, por ser a sua abordagem muito considerada no meio acadêmico. Ele utiliza o método estrutural principalmente no

² PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 41.

³ *Ibidem*.

⁴ *Ibidem*, p. 40.

⁵ *Ibidem*, p. 43.

⁶ SIMIAN-YOFRE, Horácio (Org.). *Diacronia: os métodos histórico-críticos*. In: _____. *Metodologia do Antigo Testamento*, p. 74-75.

que tange ao *princípio de estrutura do sentido*: “só há sentido através da relação e no interior dela, especialmente a relação de diferença; a análise de um texto consiste assim em estabelecer a rede de relações (de oposição, de homologação...) entre os elementos, a partir da qual o sentido do texto se constrói”⁷.

Os textos primários utilizados neste trabalho são as edições críticas. Para o texto de Hesíodo, utilizamos as duas edições mais reconhecidas no mundo acadêmico: a de Paul Mazon⁸ e a de Martin Litchfield West⁹. Esta última é a mais recente e considerada a mais completa e abrangente. É o texto crítico estabelecido por West o que adotamos em nossa tradução.

Na crítica textual do texto de Hesíodo, West apresenta centenas de variações que, devido à extensão da perícope (96 versos), não nos foi possível analisar todas. Atemo-nos às mais importantes (principalmente as que poderiam influenciar o sentido do texto), cotejando a edição de West com a de Mazon nos pontos em que ambos discordam entre si.

Pela extensão do texto, não nos foi possível também analisar de forma abrangente os aspectos lingüísticos, o que aconteceu também com o texto de *Daniel* (15 versículos). Assim, analisamos os pontos que julgamos de maior importância para a tradução e interpretação dos textos.

Em relação a *Daniel*, utilizamos o texto crítico da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, 5ª edição (1997). Para as notas de crítica textual, além do aparato crítico dessa Bíblia, nos valem também do comentário de James A. Montgomery¹⁰, dentre outros. Para as citações dos textos bíblicos em português utilizamos a *Bíblia de Jerusalém*, nova edição revista e ampliada (2002), bem como as abreviações dos nomes dos livros e a forma de citação adotada por ela.

Por ser o texto de Hesíodo mais antigo, o trabalho começa com a análise e tradução do *mito das cinco raças*, depois de contextualizar o autor e a obra. Apresentamos então uma abordagem fenomenológica cujo objetivo foi averiguar, em literatura oriental mais antiga, os paralelos com as possíveis fontes comuns a Hesíodo e *Daniel*, as quais subjazem ao esquema presente em ambos.

Em seguida, abordamos o gênero que os aproxima, o apocalíptico, em suas origens e facetas literárias. Posteriormente, fazemos a análise e tradução do *sonho*

⁷ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 55.

⁸ MAZON, Paul. *Hésiode: théogonie, les travaux et les jours, le bouclier*, p. vii-xxx e 71-93.

⁹ WEST, Martin Litchfield. *Hesiod, works and days*, p. 01-204.

¹⁰ MONTGOMERY, J. A. *ICC*, p. 01-180.

da *estátua de Nabucodonosor*, depois de contextualizar o redator macabeu e o livro. Por fim, verificamos os pontos de contato entre os dois textos.

Na tradução do mito de Hesíodo, preferimos seguir a divisão em versos própria do texto grego e não segmentá-los. Primeiramente, por se tratar de um texto poético; como se sabe, esse tipo de texto tem especificações próprias que o diferem do texto em prosa (a segmentação dos versos, a meu ver, não ajudaria na compreensão e tradução do texto). Em segundo lugar, por se tratar de uma perícopé extremamente longa, o que torna a segmentação inviável para a apresentação do trabalho.

Ainda em relação a Hesíodo, por se tratar de um texto poético, sua tradução merece algumas considerações: a tradução feita verso a verso procurou respeitar, na medida do possível, a exata transposição de todas as palavras contidas no verso grego para o verso português, com raríssimas exceções; foi necessário, muitas vezes, sacrificarmos a métrica e a sonoridade em detrimento da fidelidade ao sentido original, tentando-se, na medida do possível, manter a beleza e a fluidez do poema; por fim, respeitamos a sintaxe grega, a escolha das palavras e outras peculiaridades do idioma, mas procurando fazer o mesmo em relação à língua portuguesa, respeitando também sua sintaxe e o caráter poético da transposição de um texto para outro.

Já em relação ao livro de *Daniel* a segmentação foi feita baseada no seguinte critério: para cada verbo (explícito ou implícito) uma linha; a única exceção é o segmento de 37a, por fins puramente formais, pois a proposição se tornaria muito extensa; apesar disso, esse segmento não deixa de ter lógica, pois contém um vocativo e um aposto, elementos que, além do verbo, também justificam uma proposição. A adoção do critério praticamente único (o do verbo) foi feita simplesmente com o intuito de não alongar muito a exposição da tradução, devido ao tamanho extenso da perícopé.

Nos poucos casos em que foi necessária a transliteração (especialmente de nomes próprios e conceitos-chave na narrativa), utilizamos, para os caracteres gregos, as *Normas de transliteração de palavras do grego antigo para o alfabeto latino*, adotadas pela Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos¹¹. Para os caracteres hebraicos, utilizamos a proposta do *Diccionario Teológico Manual del Anti-*

¹¹ Cf. texto e comentários em MURACHCO, Henrique Graciano. *Lingua grega*, p. 40-42. v. 1.

*quo Testamento*¹².

Enfim, por fugir ao escopo e à extensão propostos neste trabalho, deixamos de realizar uma análise da aplicação da teologia e da mensagem de Hesíodo e de *Daniel* no mundo contemporâneo, o que seria um importante complemento ao tema tratado. Chegamos a pretender, a princípio, a realização de tal tarefa em um último capítulo, dada a relevância da mensagem de cada um deles.

Entretanto, longe de esgotar o assunto (o que, pelas suas próprias implicações vastas, seria impossível), a presente dissertação pretende ser apenas mais uma contribuição à crítica literária e à exegese do Antigo Testamento.

¹² JENNI, Ernst & WESTERMANN, Claus (Ed.). *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, p. 20-22. v. 1.